

## O DESAFIO DA HOSPITALIDADE

Marielys Siqueira Bueno<sup>1</sup>

Acredito que para os desafios da vida moderna, por uma nova ordem social, os estudos e pesquisas sobre hospitalidade tem sinalizado os aspectos vitais do “social”, pois tem desvendado a complexidade das relações com o “outro”.

O grande obstáculo que se apresenta é a palavra hospitalidade com sua simplicidade enganadora. Sempre me impressionou o caráter redutor das palavras. Festa, por exemplo, uma única palavra para nomear uma multiplicidade, uma diversidade incrível de formas de “festejar”.

Aliás esse é um problema nas ciências sociais pois lida com aspectos relacionais amplos e complexos com termos tão redutores. Não só redutores como polissêmicos. Um aspecto importante de uma Dissertação é precisar o sentido das palavras chave, além de sua vinculação teórica.

Por isso a pesquisa é sempre desafiadora, pois os conceitos e teorias são abstrações que apreendem a essência, o núcleo de um processo ou de um comportamento e por essa razão não incluem as múltiplas variáveis que se impõem na vivência, nas nuances da vida real. Mas aí é que está o encanto, o desafio, o sabor de aventura da pesquisa pois nos dá inúmeras possibilidades de enriquecer, ilustrar as abstrações teóricas: “um não vê mais longe nos ombros do gigante”.

Esse aspecto está muito presente nesse programa [de Mestrado e Doutorado em Hospitalidade]. Desde o início do curso, à medida que desenvolvíamos nossas pesquisas, que conhecíamos novos autores ou acompanhávamos os trabalhos dos alunos íamos descobrindo novos ângulos, novos aspectos, novas dimensões e, pouco a pouco, a questão da hospitalidade aparente, conhecida e familiar para todos nós, cresce gradativamente em complexidade e abrangência e acabamos por perceber que, de certa forma, a hospitalidade, o acolhimento ao outro capitaliza todas as dimensões sociais. Aliás René Schérer trata a hospitalidade como uma parte integrante da hominização.

Qualquer que seja a atividade ou ciência que lida com as relações humanas não se pode perder de vista a enorme complexidade das reações humanas.

Cada indivíduo traz em si elementos psicológicos, afetivos, emocionais, religiosos, físicos, além de uma história de vida é uma tradição cultural que influenciará suas reações diante ao “outro”.

---

<sup>1</sup> Texto da aula inaugural do PPG em Hospitalidade, ministrada em agosto de 2016, na Universidade Anhembi Morumbi-SP. Marielys Siqueira Bueno foi docente do programa ao longo dos últimos 10 anos e sempre foi uma das principais teóricas da hospitalidade mediada pela dádiva. Além da sua inestimável contribuição teórica, ela enriqueceu o programa com sua rede de contatos internacionais, sobretudo na França (Alain Montandon, da Université Blaise Pascal de Clermont Ferrand e Anne Gotman, da Université René Descartes, Paris 5) e Portugal (Isabel Baptista, da Universidade Católica do Porto). É dona de uma extensa produção teórica sobre o tema da hospitalidade. Possui graduação e Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Bernardo Sayão (1969), mestrado em Antropologia pela Universidade Federal de Goiás (1976) e doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo (1988). Diplôme de Études approfondies en Anthropologie sociale. Université René Descartes - Paris V. Diplôme de Études Approfondies en Cinéma Anthropologiques. Université Nanterre - Paris X e ex-professora do PPG em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi. Email: [marielysbueno@gmail.com](mailto:marielysbueno@gmail.com)

Além disso temos que contar com a ambivalência humana diante das relações sociais pois o homem quer, precisa e depende do outro – o homem sente uma profunda necessidade de compartilhar (os teóricos dizem que a solidão absoluta é insuportável para o homem), mas ao mesmo tempo é extremamente cauteloso com sua individualidade e protege ferozmente o seu “eu”, e sua intimidade quando se relaciona como o “outro”.

Daí o desafio da hospitalidade, que está mais para o desafio da generosidade.

A múltipla forma de acolhimento, de alianças, da formação de vínculos faz parte de mecanismos associativos rotulados de hospitalidade e está do lado oposto da rivalidade, da competição.

Por isso nas pesquisas, nas reflexões sobre a hospitalidade é importante detectar os elementos, os espaços e os movimentos que permitem as alianças, os acordos, os vínculos e, também, aqueles que provocam a exclusão, a rivalidade, a competição.

A hospitalidade seria, de certa forma, a mediadora – que propõe a paz em lugar do atrito – que propõe a paz em lugar de guerra e acena com o acolhimento em lugar da exclusão.

É preciso lembrar que quando se fala em Hospitalidade se fala também em fronteira porque hospitalidade é basicamente receber, acolher o “outro” no seu espaço – Godbout define hospitalidade como a “dádiva do espaço”.

Quem recebe o outro em sua casa, em seu Estado, em seu país, em sua empresa obedece um ritual culturalmente codificado e que vai gerar um compromisso – compromisso de retribuir, de ser grato – e é a condução correta desse ritual que vai redirecionar a relação.

Em todas as culturas encontramos fórmulas de acolhimento que sinalizam uma proposta de paz, de vínculo, de acolhimento que na maioria [dos casos] não devem ser tomadas “ao pé da letra”: “sinta-se em casa”; “a casa é sua”; “apareça sempre”...

Essas transposição de fronteiras – o outro no meu espaço – eu no território do “outro” implica em um complexo fenômeno de tradução das diferenças, de conciliação e adaptação dessas diferenças e é a Hospitalidade, o acolhimento que assegura a ligação (sempre frágil) entre os dois mundos.

Rafestin(1997) chama a atenção para os dois aspectos de uma fronteira – a fronteira material e a imaterial.

Permitir ultrapassar a fronteira material não garante o acolhimento que é [um aspecto] imaterial. Aceito no meu espaço mas não incorporo no meu círculo social. A fronteira imaterial remete a valores e códigos que tem valor no interior por oposição ao exterior. Porque como diz Maffesoli (1984), há uma centralidade subterrânea na sociabilidade que são as relações interpessoais.

Diz ele que ao lado do político, do econômico, onipresente e ruidoso, encontramos sempre um núcleo que poderíamos chamar de relação social, que embora discretamente, assegura de fato a coesão do conjunto.

A hospitalidade é plural mas o objetivo é singular: é a seiva do sentido de pertencimento, a seiva vital da sociabilidade.

[Como já afirmado] para Godbout (1999) a hospitalidade é a dádiva do espaço – um espaço que cria, que favorece e que estimula as relações sociais.

Alguns autores desenvolvem as reflexões sobre a Hospitalidade como uma dimensão da Teoria da Dádiva que postula a circularidade do dar, receber e retribuir como ponto central, o ponto criador da sociabilidade: é o transpor da individualidade para a sociabilidade. É uma expectativa de reciprocidade, de confiança implícita na continuidade de uma relação [conforme argumentou] Mauss (2003).

O dar e receber abrem um caminho insuspeitado para o interior, para a essência da hospitalidade.

O desafio do curso [PPG em Hospitalidade] é desenhar os contornos dessa sociabilidade vivida.

Ainda não conseguimos esgotar os limites, os espaços, as formas que promovem a Hospitalidade.

Qualquer que seja o tema pesquisado é preciso detectar os mecanismos que favorecem, propiciam os acordos, os acolhimentos – e esse acolhimento se refere tanto as pessoas como as cidades, instituições empresas, etc. – assim como os espaços que criam, favorecem e estimulam as relações.

É preciso, portanto dimensionar a função da Hospitalidade, as suas articulações e suas interfaces nos segmentos sociais.

Embora os homens oscilem entre a proteção do “eu” e a necessidade do “outro”, vários autores testemunham o caráter imperioso da sociabilidade.

Todorov diz que a sociabilidade não é um acaso ou uma contingência – é a própria definição da condição humana.

Rousseau fala da necessidade imperiosa que os homens têm dos outros sendo, portanto, marcados pela incompletude.

Finalmente uma observação “fora da curva” extra curricular. Ao refletirmos sobre Hospitalidade não precisamos ter medo de resvalar em aspectos emocionais, não precisamos fincar os pés apenas no racional pois grandes autores sociais nos autorizam a considerar os aspectos afetivos e emocionais da conduta humana: a alegria das festas, a solidariedade da economia da comunhão.

Mauss (2003), no penúltimo parágrafo do “Ensaio sobre o dom” afirma que é inútil procurar em outra parte o que constitui o bem e a felicidade.

Georges Balandier (1982) diz que os grandes líderes conseguem a adesão às suas ideias e aos seus apelos através da teatralização, da encenação que apela para o sentimento, que mobiliza o emocional e não para o racional: o racional não é eficiente para a adesão.

## RESUMINDO

Aspectos, ou passos para refletir os abordar a Hospitalidade:

- 1- Avaliar a amplitude e abrangência do termo;
- 2- Não perder de vista a complexidade das relações;
- 3- Lembrar que a Hospitalidade é a transposição de fronteiras – tanto material quanto imaterial e verificar os requisitos para ser aceito e recebido bem como as exigências e padrões culturalmente condicionados;
- 4- Não perder de vista que a centralidade da sociabilidade são as relações interpessoais e que a Hospitalidade é a grande mediadora dessas relações, criando vínculos e as consolidando.

## Bibliografia de Referência

GODBOUT, Jacques T.; CAILLÈ, Alain. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.  
MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

RAFFESTIN, Claude. *Reinventar a hospitalidade*. Tradução: Profa. Dra. Marielys S. Bueno. *Revista Communications*, Paris, Editions Du Seuil, n 65, 1997.

**Recebido em: 22 de Setembro 2016**

**Aprovado em: 23 de Setembro de 2016**